

O melhor lugar para viver



ROSA MORA EM PLANALTINA, FELIPE VIVE NO LAGO SUL E LUANA, NO PLANO PILOTO. CADA UM, DE SEU JEITO, DECLARA AMOR A BRASÍLIA: 74,3% DOS BRASILIENSES ACHAM QUE VIVER AQUI É MELHOR DO QUE EM OUTRAS CAPITAIS DO PAÍS

Rovênia Amorim
João Luiz Marcondes
Da equipe do **Correio**

É uma cidade com problemas, mas que ainda mantém alguma qualidade de vida. Nas contas do brasiliense, é bom morar na capital do país. A declaração de amor a Brasília foi revelada pela pesquisa *Brasília, Presente e Futuro*, encomendada pelo **Correio Braziliense** à WHO Pesquisa e Informações de Mercado. A visão otimista de que a capital federal ainda é um lugar onde se vive bem ou de forma razoável contagia 93,9% dos 2 milhões de habitantes do Distrito Federal. A pesquisa ouviu 1.200 pessoas, de 16 a 65 anos, nos dias 23, 24 e 25 de junho. Todos os entrevistados moram há, pelo menos, cinco anos no DF. A margem de erro é de 3%.

"O resultado dessa pesquisa é excepcional", comenta João Francisco Meira, diretor-presidente do Instituto Vox Populi/Confederação Nacional de Transporte (CNT). "Em geral, o índice de satisfação não é tão elevado em uma cidade do porte de Brasília", destaca. Pesquisa recente do Vox Populi, de março deste ano, aponta que 62% dos brasileiros estão satisfeitos com as cidades onde moram. O nível de satisfação dos brasilienses com Brasília está, portanto, bem acima da média no país.

"O cidadão está consciente, sabe dos problemas, mas quer lutar

por Brasília. Acha que aqui ainda é o melhor lugar do Brasil para se viver", diz Regina Santos, diretora-técnica da WHO. De fato: 74,3% acham que é melhor viver aqui do que em outras capitais do Brasil. "Não mudaria para outra cidade. Brasília tem boas oportunidades, tem diversão e boates novas. Tenho orgulho de dizer que moro aqui", declara o estudante do 3º ano do Instituto Galois, Felipe Zuba, 17 anos, morador da QI 13 do Lago Sul. Os dados indicam, em mais de um momento, o apego do brasiliense à cidade. Por exemplo, 60% dizem que o DF oferece mais oportunidades para mudar de vida do que outros lugares.

A exemplo do estudante Felipe Zuba, 61% das pessoas que vivem no Plano Piloto, Lago Sul e Lago Norte afirmam que vivem bem em Brasília. A situação se inverte um pouco nos lugares que dis-

A PESQUISA MOSTRA QUE, PARA 40,9% DA POPULAÇÃO, BRASÍLIA VAI PERDER QUALIDADE DE VIDA DAQUI A 5 ANOS

põem de menos infra-estrutura, como Recanto das Emas, Samambaia, Santa Maria e Riacho Fundo. Nessas cidades, aumenta a percepção de que se vive pior: apenas 17% da população acham que levam uma vida boa. "Ainda assim, a percepção de que se vive mal é pequena. Atinge 10,7% dos moradores", explica a pesquisadora Regina Santos.

No Riacho Fundo II, uma das cidades mais pobres do DF, Josiméri Pereira da Silva, 30 anos, afirma que vive "aos trancos e barrancos", mas jamais pensa em voltar para Mirador, no interior do Maranhão, de onde veio há 20 anos. "Tenho prazer e orgulho de morar em Brasília", diz ela, mãe de seis filhos. Marido, não tem. Sustenta a ninhada na marra, com um boteco onde vende pinga. Não tem alvará, a Polícia Civil vive dando batidas para fechar seu negócio informal. "Dinheiro não tem, mas há oportunidade de estudos pros meus filhos", completa ela, que carrega outro futuro rebento na barriga.

Para muitos moradores de cidades carentes, a percepção de que se vive bem (17%) ou razoavelmente (71%) pode ser explicada pela melhora da própria vida. O migrante que deixou de morar em invasão e hoje vive num lote tende a ter uma percepção mais otimista. "Ele passou a morar num lugar que, em pouco tempo, foi ganhando estrutura. Foram aparecendo a padaria, o supermercado, o asfalto", diz a diretora-técnica da WHO.

Depois de mais de 40 anos vi-

vendo na casa dos pais, Inácia Ana de Alcântara, 44 anos, nem precisa dizer que está feliz. Ela mora na Vila Areal, localizada em Taguatinga, e um lugar onde a pobreza salta aos olhos. Mas seu sorriso não sai do rosto. "Finalmente tenho onde morar", comemora Inácia, que conseguiu um lote em uma cooperativa. "Agora só faltam água encanada, asfalto, ônibus passando aqui dentro, esgoto", diz ela.

ANTES, UM PARAÍSO

A avaliação da qualidade de vida varia, é claro, de acordo com o local onde mora o entrevistado. As condições de vida da empresária Wanda Riccioppo, moradora do Lago Sul e dona de uma loja de decoração, lhe permite uma vida confortável. Ela viaja todo ano com o marido para o exterior e sua principal preocupação é com o crescente índice de violência. "Antes Brasília era um paraíso", afirma a mineira de Uberaba que 30 anos mora na capital do país. Mas nem isso a motiva a abandonar a cidade no futuro. "Não posso crer que Brasília vai virar o caos um dia", diz ela, que acredita ainda dar tempo de salvar Brasília.

Wanda Riccioppo não está sozinha. A pesquisa mostra que 40,9% da população acham que a qualidade de vida no Distrito Federal vai piorar daqui a cinco anos. "Traduzindo: o cidadão vive bem hoje, mas não está cego e se preocupa com o futuro", diz a pesquisadora da WHO. Ainda assim,

um percentual elevado dos brasilienses (31,5%) está otimista e acredita que a vida vai melhorar.

A socialite Ana Maria Gontijo, 53, integra esse grupo de esperançosos com o futuro de Brasília. "O metrô vem aí, vai resolver os transtornos dos engarrafamentos", acredita a moradora da QI 15 do Lago Sul, mineira de Lavras, há 36 anos no Distrito Federal. "A violência também vai ser freada. Não tem nem mais como piorar." A empresária Pompéia Addario, 52, dona de uma loja de decoração na comercial da QI 7 do Lago Sul, é menos otimista. Ela integra o grupo de 19,3% dos entrevistados que acredita que a vida em Brasília vai piorar nos próximos anos. "O que me preocupa é a violência. Não existia isso antes na cidade", afirma a empresária, que mora na 211 Sul.

A perspectiva de que a vida vai melhorar no futuro próximo é maior entre as pessoas que moram nos lugares menos assistidos: 42% da população das cidades mais carentes acham que a qualidade de vida no DF daqui a cinco anos vai melhorar muito ou, pelo menos, um pouco. "Isso indica esperança ou mostra o progresso de quem saiu de invasões e assentamentos", afirma Regina Santos.

Em contrapartida, pessoas com melhor poder aquisitivo (classes alta e média), que moram nas cidades mais estruturadas, têm visão mais pessimista do futuro em Brasília: 54,7% dos moradores do Plano e Lagos acham isso. Assim como 46,3% da popu-

lação de Taguatinga, Guará, Núcleo Bandeirante, Cruzeiro e Sobradinho. "São pessoas que temem perder qualidade de vida", afirma a pesquisadora.

Outro indicador da pesquisa reforça essa afirmação. O sentimento de queda na qualidade de vida e o descaso com o Distrito Federal, tanto de seus moradores como governantes, é muito elevado na população: 74,1% pensam assim. "Brasília está ficando mais violenta. Coisas que a gente não via acontecendo, hoje já nos preocupa", afirma o servidor público Francisco de Oliveira Júnior, 34 anos, casado, pai de três meninos e morador da 409 Sul. Uma típica família da classe média, com imóvel próprio, carro popular na garagem e viagem para a praia uma vez por ano.

A pesquisa, no entanto, revela um dado animador. Entre aqueles que dizem viver mal na cidade, 72,9% concordam que o DF ainda é melhor lugar para morar entre as grandes cidades brasileiras. É caso de Lindomar Lima dos Santos, 30 anos, mãe solteira de dois filhos e que cria uma sobrinha. Ganhando R\$ 150,00 nas frentes de trabalho por mês, Lindomar vê coisas boas na cidade, e não se mudaria. "Aqui, a gente vai para o Plano, pede dinheiro e o pessoal ajuda, arruma roupa para lavar, essas coisas", justifica ela, que mora na Vila Areal e não pôde comparar a vida daqui com outras cidades de brasileiras. "O único lugar que conheço fora daqui é Santo Antônio do Descoberto", diz, sorrindo.